

Boletim Gaúcho de Geografia

<http://seer.ufrgs.br/bgg>

DESCENTRALIZAÇÃO E NOVAS CENTRALIDADES EM
CIDADES MÉDIAS: O CASO DO SUBCENTRO DA AVENIDA
SÃO PEDRO EM CHAPECÓ-SC

CRISLAINE MOTTER & WAGNER BARBOSA BATELLA

Boletim Gaúcho de Geografia, v. 42, n.2: 611-627, maio, 2015.

Versão online disponível em:

<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/bgg/article/view/53425/34039>

Publicado por

Associação dos Geógrafos Brasileiros



Portal de Periódicos

UFRGS

UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO GRANDE DO SUL

Informações Adicionais

Email: portoalegre@agb.org.br

Políticas: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/editorialPolicies#openAccessPolicy>

Submissão: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/submissions#onlineSubmissions>

Diretrizes: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/submissions#authorGuidelines>

Data de publicação - maio, 2015.

Associação Brasileira de Geógrafos, Seção Porto Alegre, Porto Alegre, RS, Brasil

DESCENTRALIZAÇÃO E NOVAS CENTRALIDADES EM CIDADES MÉDIAS: O CASO DO SUBCENTRO DA AVENIDA SÃO PEDRO EM CHAPECÓ (SC)

CRISLAINE MOTTER¹

WAGNER BARBOSA BATELLA²

RESUMO

O presente estudo foi desenvolvido a partir de observações das transformações recentes ocorridas no espaço urbano de Chapecó, cidade média localizada no oeste catarinense. Dentre as dinâmicas recentes ocorridas nesta cidade, destaca-se a consolidação de áreas não centrais que concentram atividades relacionadas ao comércio e aos serviços, caracterizando a formação de subcentros na cidade. Dessa forma busca-se compreender o processo de descentralização das atividades comerciais e de serviços e a formação de novas centralidades, a partir da análise de um subcentro da cidade de Chapecó/SC.

Palavras-chave: Cidades médias; Descentralização; Novas centralidades.

INTRODUÇÃO

A dinâmica das cidades identificadas como médias tem sido tema de estudo na ciência geográfica brasileira, principalmente após a década de 1970. Nos últimos anos, essa temática tem ganhado relevância, em grande medida, pelo recente crescimento do número de núcleos urbanos que superam a faixa de 100.000 habitantes, além das transformações nos papéis urbanos e regionais que vêm envolvendo essas cidades (SPOSITO, 2001a).

Dentre as modificações ocorridas, verifica-se que um dos fenômenos mais marcantes por que passaram e passam as cidades médias é o da multiplicação e diversificação de áreas de concentração de atividades comerciais e de serviços. A expressão desse processo, conforme Sposito (2001b), pode ser observada por meio da criação de novas centralidades, visto que novas áreas destinadas ao comércio promovem novos fluxos na cidade e entre cidades de diferentes portes, permitindo a emergência de uma centralidade múltipla e complexa, em detrimento

1 Graduada em Geografia - Licenciatura pela Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS, campus Chapecó-SC. Atualmente é mestranda no Programa de Pós Graduação em Geografia do Instituto de Geografia da Universidade Federal de Uberlândia - UFU. E-mail: crislaiane.m@gmail.com

2 Graduado em Geografia (bacharelado e licenciatura) pela PUC-MG, Mestre em Geografia - Tratamento da Informação Espacial pela PUC-MG e doutor em Geografia pela Universidade Estadual Paulista (UNESP) campus Presidente Prudente. É professor do Departamento de Geografia (DGE), do Mestrado Profissional em Patrimônio Cultural, Paisagens e Cidadania da Universidade Federal de Viçosa (UFV). E-mail: batella@ufv.br

to da centralidade principal e muitas vezes única, que marcava a organização das cidades médias até algumas décadas atrás.

Nesse sentido, este trabalho se desenvolve a partir de observações das transformações recentes ocorridas no espaço urbano de Chapecó, cidade média localizada no oeste catarinense. Dentre as dinâmicas recentes ocorridas nesta cidade, destaca-se a consolidação de áreas não centrais que concentram atividades relacionadas ao comércio e aos serviços, caracterizando a formação de subcentros na cidade. Dessa forma, o objetivo deste trabalho é compreender o processo de descentralização das atividades terciárias e a formação de novas centralidades, a partir da análise de um subcentro da cidade de Chapecó/SC. Tendo como recorte essa cidade, busca-se também compreender como esses processos ocorrem em outras cidades caracterizadas como médias.

O presente trabalho está estruturado em três partes: a primeira parte destina-se a compreender as transformações que vêm ocorrendo em cidades médias, no que diz respeito a multiplicação de áreas centrais, enquanto o segundo analisa o papel do processo de descentralização na criação de novas centralidades. Por fim, destacamos o subcentro da Avenida São Pedro como uma expressão do processo de multiplicação da centralidade na cidade de Chapecó-SC.

CIDADES MÉDIAS: DA COMPLEXIDADE DO CONCEITO ÀS TRANSFORMAÇÕES CONTEMPORÂNEAS

A noção de cidade média deriva de uma construção intelectual e, enquanto tal, está inserida em determinado contexto histórico e geográfico, como aponta Corrêa (2007). Segundo o autor, é apenas a partir da segunda metade do século XIX, com a fase industrial do capitalismo, que é possível conceber esse grupo de cidades:

Na integração e diferenciação demográfica e funcional emergem centros metropolitanos, cidades médias e cristalizam-se demograficamente inúmeros centros, considerados a partir de então como pequenas cidades. O padrão anterior, caracterizado por cidades de diversos tamanhos e pouco articuladas entre si, é substituído por uma rede urbana mais articulada e dotada de centros funcionalmente mais articulados entre si. Pode-se então falar em cidades médias. É, portanto, no contexto de formação da moderna rede urbana que é possível se estabelecer a noção ou conceito de cidade média (CORRÊA, 2007, p. 28).

De acordo com Damiani (2006, p. 136), um paradigma de desenvolvimento urbano desejável chegou a ser um modelo hierárquico equilibrado, envolvendo uma rede urbana dotada de cidades de diferentes tamanhos, ambas com funções e relações intensas. Entretanto,

Um grande hiato, reconhecido como próprio de países subdesenvolvidos, seria a inexistência ou a reduzida quantidade de cidades médias, mantendo as grandes cidades inchadas e incapazes de realizar expectativas de emprego e vida urbana que atraíam, na ausência dessas estruturas urbanas intermediárias, como modos de equilíbrio socioeconômico (DAMIANI, 2006, p. 136).

Nesse contexto, Amorim Filho (1984) destaca que as principais razões da atual preocupação com a problemática das cidades médias estão não somente na procura de maior equilíbrio intraurbano e urbano-regional, ou na necessidade de se interromper o fluxo migratório na direção das grandes metrópoles, mas, segundo o autor, há uma forte questão voltada ao papel destinado a esse nível de cidade nos sistemas econômicos, de comunicação e de organização funcional dos países e regiões do mundo. A cidade média, assim, acaba sendo cada vez mais necessária, pois representa uma das alternativas de manutenção do sistema sócio-econômico vigente:

[...] seja através de uma produção própria, seja, sobretudo, funcionando como redistribuidora, a cidade média representa um ponto de difusão da produção e dos valores dos sistemas sócio-econômico de que faz parte (AMORIM FILHO, 1984, p. 12).

Ao tratar da localização dessas cidades, Sposito (2001a) resgata o conceito de situação geográfica, aliada a outros instrumentos teórico-conceituais para entender as cidades médias. Em sua discussão, que parte do princípio de que nem todas as “cidades de porte médio³” desempenham papéis de “cidades médias”, o que é relevante avaliar é o peso da situação geográfica como um dos determinantes de seus papéis na hierarquia urbana, ou seja, avaliar a importância dada às condições gerais do meio (naturais ou humanas) em que uma cidade se insere. Para a autora, o que condiciona um contexto favorável para essas cidades são as relações entre os espaços mais próximos e os mais distantes, pois é impossível reconhecer o papel de intermediação que essas cidades exercem sem avaliar as relações estabelecidas por elas. Assim, a condição de “cidade média” está diretamente associada a uma situação geográfica favorável, apesar das particularidades que há em cada uma dessas situações.

Damiani (2006, p. 136) acrescenta que o período atual, marcado pelo processo de globalização, “define possibilidades de contatos múltiplos entre cidades de todas as dimensões e define uma simultaneidade de comunicação ou uma rede intrincada de relacionamentos, rompendo as estritas hierarquias”. Admite-se, de tal modo, que além de uma localização relativa, as cidades médias apresentam também relações espaciais intensas, complexas, multidirecionais e marcadas pela multiescalaridade (CORRÊA, 2007). Nesse sentido, e conforme salienta Sposito (2001a) devemos considerar os atuais meios técnicos-informacionais que viabilizam comunicações de longa distância, via satélite, por redefinirem as relações espaciais, visto que a proximidade e a contiguidade não são mais as únicas determinantes da vida de relações de uma cidade.

3 Segundo Sposito (2001a), aceita-se, para a realidade brasileira atual, a ideia de que são cidades de porte médio as cidades de porte populacional entre 100 mil e 500 mil habitantes. A diferenciação desse termo ao de cidade média reside em sua fragilidade no sentido em que está sujeito a mudanças no decorrer do tempo e de variações segundo as redes urbanas as quais se aplica esta classificação.

Com o incremento da industrialização, esse grupo de cidades passou (e vem passando) por transformações aceleradas, tanto em seu espaço intraurbano como interurbano. A industrialização, dado seu papel central na constituição do modo capitalista de produção, foi sem dúvida o principal vetor da redefinição do processo de urbanização. Nesse contexto, o que ganha destaque é o processo de descentralização industrial, promovido no território brasileiro, principalmente por políticas de desconcentração. Segundo Sposito (2001a), os impactos causados pela presença de fábricas nas cidades modificaram as lógicas de estruturação interna de seus espaços, resultando na ampliação do tecido urbano e, conseqüentemente, na necessidade de circulação e intensificação de fluxos com outros espaços.

Além disso, a localização das indústrias em cidades de porte médio acarretou em uma maior dependência de outros segmentos ligados a essas indústrias. O processo de desintegração vertical, característico dessa nova forma de produção, fez com que muitas empresas fossem criadas para atender aos segmentos de maior dinamismo nas cidades, ampliando ofertas de emprego e gerando novas demandas no tocante ao consumo.

Simultaneamente a esse processo, verifica-se uma ampliação dos papéis das metrópoles no que concerne à localização das sedes de comando, originando centralização espacial dos capitais, principalmente em termos financeiros (SPOSITO *et al*, 2007). Dado o meio técnico-científico-informacional atual, conforme salienta Sposito (2001a), a tendência recente de concentração econômica das empresas industriais possibilitou a comunicação imediata entre os diversos segmentos da indústria, viabilizando a dissociação territorial entre os centros de comando e o lugar da produção industrial.

Atualmente,

[...] as cidades médias parecem consagradas a desenvolver uma alta e competitiva especialização funcional [...]. Mas esse fenômeno deve acompanhar-se da permanência de uma ordem urbana baseada na segurança, na preservação do meio ambiente, na imagem (SILVEIRA, 2002, p. 14).

Essa tendência está associada às vantagens que as cidades de porte inferior da hierarquia urbana apresentam, principalmente no tocante às cidades que associam uma boa situação geográfica em relação aos meios de comunicação materiais e imateriais e uma qualidade de vida⁴ atrativa aos profissionais ligados a essas empresas (SPOSITO, 2001a). Isso significa dizer que, embora indiretamente, pois nem todas as cidades médias são industriais, o processo de industrialização impôs novos papéis a essas cidades, “uma vez que, no caso desse processo, as dinâmicas estiveram orientadas para a constituição de um mercado consumidor nacional” (SPOSITO, *et al*, 2007, p. 39). Dessa forma, as cidades médias tiveram seus perfis funcionais redefinidos pelos interesses da distribuição da produção industrial em

4 Embora haja um grande debate sobre o que se considera qualidade de vida, Sposito (2001a) argumenta que, no entanto, há um consenso de que boas condições ambientais e possibilidades de consumo de bens e serviços de diferentes naturezas constituem atributos dessa qualificação.

escala nacional, e o consumo teve um papel relevante na orientação dos papéis de intermediação apresentados por essas cidades. Os progressos técnicos e as transformações organizacionais, conforme aponta Silveira (2002, p. 14),

[...] contribuem a um certo desvanecimento da função de *relais* da distribuição de produtos e serviços oriundos das metrópoles. Enquanto as redes de distribuição parecem evitar as cidades médias como comando de segundo grau, o sistema financeiro aumenta sua eficácia na conquista de quase todos os pontos do território.

Whitacker (2003) ressalta que, com as novas configurações geradas pelo processo de urbanização, a reprodução do capital tornou-se cada vez mais complexa, demandando cada vez mais das chamadas atividades do setor terciário, principalmente do setor financeiro.

Assim, novas formas espaciais e novas territorialidades são criadas, irrompendo a cidade como a conhecemos, estruturada segundo uma lógica preponderantemente oriunda da organização territorial da indústria [...]. Há uma mudança radical no processo de urbanização: se, desde o advento da industrialização até a primeira metade do século passado, houve uma difusão quantitativa da urbanização, hoje essa difusão é principalmente qualitativa e observam-se novas formas urbanas (WHITACKER, 2003 p. 62).

Edward Soja (1993), nesse sentido, embasa as transformações que envolvem o espaço geográfico na atualidade, ao ressaltar que essas transformações representam não só uma nova maneira de organização das formas, mas os novos conteúdos que compreendem essa nova (des)organização do espaço geográfico, movidos pelas intensas transformações que vem ocorrendo nas esferas econômicas, políticas, culturais e sociais. Esse constante movimento, entre produção e destruição das formas, exige uma maneira particular de se analisar o espaço urbano, denotando que, em cidades capitalistas, o movimento de magnitude global tem interferido, em tempos e espaços diferentes e na singularidade de cada lugar, na dinâmica de como se estruturam e se orientam as mudanças profundas na estruturação e reestruturação dos espaços.

As novas formas que o capitalismo adquiriu com a especialização flexível, com os sistemas de produção verticalmente desintegrados e o rompimento das hierarquias rígidas, foram acompanhadas, como ressalta Santos (2012), por uma mobilidade acelerada do capital, propiciada pelo meio técnico-científico-informacional. Nesse contexto de transformações, ressalta-se que os papéis regionais associados às cidades médias sofreram intensas transformações. Diferentemente dos períodos anteriores, onde a área de influência dessas cidades se dava apenas entre o seu espaço rural imediato e entre as cidades de menor porte de sua região, as redes de relações foram intensamente modificadas, ampliando a sua rede de relações (SPOSITO, 2007).

A estruturação do espaço intraurbano ganhou novas configurações espaciais, e como argumenta Sposito (2007, p.242)

Estruturas urbanas organizadas por um centro principal e único são sobrepostas por lógicas espaciais mais complexas e decididas fora da escala de poder econômico e político local, em função dos interesses comerciais e imobiliários que implantam shoppings centers, que expandem redes de comércio de múltiplas filiais ou de franquias que associam atores econômicos locais a atores econômicos nacionais. Igualmente, as possibilidades de ampliação de consumo, quantitativa e qualitativamente ajudam a explicar a multiplicação de empreendimentos imobiliários como função residencial, alterando, do mesmo modo, a estrutura centro-periférica.

Novas formas e funções são criadas a partir desse processo, (re)estruturando a morfologia das cidades. Os processos de descentralização das atividades terciárias e criação de novas centralidades, nesse contexto, originam novas formas de comércio para além do centro tradicional, exemplificados pelos subcentros, eixos comerciais e áreas especializadas que, dado o poder centralizador das atividades que ali se encontram, modificam tanto a lógica de articulação dos espaços internos como as relações que passam a ocorrer entre esses espaços e sua região de influência.

O PAPEL DA DESCENTRALIZAÇÃO NA FORMAÇÃO DE NOVAS CENTRALIDADES

A organização do espaço intraurbano das cidades passa, como demonstramos anteriormente, por transformações recentes, aceleradas e multifacetadas. Desse modo, para entender o processo contínuo das modificações ocorridas no espaço interno das cidades, faz-se necessário compreender os processos responsáveis pela criação das formas que resultam em sua estrutura urbana e os agentes responsáveis por suas sucessivas modificações.

Nesse sentido, Sposito (1991, p. 5) ressalta que “a análise da estruturação do processo de produção das cidades tem que passar necessariamente pelo entendimento do papel do centro”, ou seja, para entender como surgiram as cidades é fundamental compreender a dinâmica exercida pelo centro e, conseqüentemente, pela centralidade. Lefebvre (1999), desse modo, ressalta que a cidade é em si uma centralidade, pois,

A cidade atrai para si tudo o que nasce, da natureza e do trabalho, noutros lugares: frutos e objetos, produtos e produtores, obras e criações, atividades e situações. O que ela cria? Nada. Ela *centraliza* as criações. E, no entanto, ela cria tudo. Nada existe sem troca, sem aproximação, sem proximidade, isto é, sem *relações* (Lefebvre, 1999, p. 109, *grifos do autor*).

Castells (1983) salienta que o centro urbano não é uma entidade espacial definida, mas a ligação de certas funções ou atividades que preenchem um papel da comunicação entre os elementos de uma estrutura urbana: “Quer dizer que não podemos *assentar* o centro urbano, e sim que é necessário defini-lo com relação ao conjunto da estrutura urbana” (CASTELLS, 1983, p. 314, *grifos do autor*). A centralidade, segundo o referido autor constitui-se no elemento que dá origem às articulações entre os dife-

rentes elementos da estrutura urbana, sendo ela permeada por um conteúdo social ao mesmo tempo em que se apresenta como um local geográfico, o centro.

Para Lefebvre (1999), não existe cidade sem centralidade, e a única categoria que pode ser utilizada para definir a cidade em todos os tempos é o centro. Entretanto, conforme Whitacker (2003), é preciso compreender o conteúdo da centralidade nos diferentes tempos históricos e recortes apreendidos, visando entender como ela se realiza em diferentes formações sociais.

Historicamente, o núcleo central é a principal área de uma cidade. Dada a sua dinâmica espacial, essa área central fica, muitas vezes, saturada de atividades, forçando alguns estabelecimentos a se deslocarem para outros locais da cidade. Além disso, a descentralização também ocorre com a chegada de novas atividades na cidade, que tendem a localizar-se fora da área central, representando um campo novo para investimentos e reprodução do capital (CORRÊA, 2004).

O processo de descentralização de atividades comerciais e de serviços, dessa forma, dá origem a novos locais de comércio para além do centro tradicional, que usufruem de certa acessibilidade e que visam atender um público específico. Entretanto, como argumenta Castells (1983), apesar da perda relativa de algumas funções centrais, o centro continua a monopolizar as atividades de maior prestígio ocupacional e alcance espacial, como é o caso da localização dos escritórios centrais, das sedes de empresas e dos serviços avançados.

Para que o processo de descentralização ocorra, entretanto, alguns fatores são fundamentais para a saída de certas atividades da área central. Corrêa (2004) e Ribeiro Filho (2004) analisaram as contribuições de Charles Colby (1930) para a explicação desse fenômeno: Colby, na década de 1930, identificou dois grupos de forças, centrípetas e centrífugas, que moldam o espaço urbano. Conforme o autor, as forças centrífugas estariam relacionadas a fatores de repulsão de atividades do comércio para fora da área central, enquanto as forças centrípetas atuariam no sentido de atração ou permanência de determinadas atividades para a área central. Além disso, Corrêa (2004) acrescenta que o processo de descentralização de atividades comerciais e de serviços também está associado ao crescimento demográfico e espacial da cidade: ampliando as distâncias entre a área central e as novas áreas residenciais, a competição capitalista faz com que as firmas descentralizem seus pontos de vendas criando filiais distribuídas pelos bairros da cidade, visando à competição pelo mercado consumidor. Para o autor, a descentralização também é resultado de interesses de proprietários fundiários e promotores imobiliários, pois representa um campo novo para investimentos e reprodução do capital.

O processo de descentralização, estimulado por tais fatores cria, desse modo, novas formas espaciais como os subcentros, que consistem:

[...] numa réplica em tamanho menor do centro principal, com o qual concorre em parte sem, entretanto, a ele se igualar. Atende aos mesmos requisitos de otimização de acesso apresentados anteriormente para o centro principal. A diferença é que o subcentro apresenta tais requisitos apenas para uma parte da cidade, e o centro principal cumpre-os para toda a cidade (VILLAÇA, 2001, p. 239).

Como a localização desses subcentros não acontece por acaso, vários estudiosos buscaram analisar os padrões de localização dessas atividades para entender as transformações das estruturas comerciais das grandes cidades. Dessa forma, Ribeiro Filho (2004) destaca o modelo que representa as mudanças do processo de descentralização do comércio após a Segunda Guerra Mundial proposto por Berry (1968), que através da revisão da literatura, estabeleceu a organização espacial da cidade norte-americana em três componentes básicos: a) uma hierarquia de subcentros comerciais espontâneos ou planejados, b) os eixos comerciais e c) as áreas especializadas. Ribeiro Filho (2004) salienta que esse modelo muito contribuiu na análise do espaço urbano, pois considera não apenas o valor da terra, mas também a especialização funcional e o deslocamento do consumidor.

Dessa forma, a descentralização territorial das atividades comerciais e de serviços, sob suas diversas formas, conforme Sposito (2001b), leva à emergência de novas áreas centrais, constituindo-se na primeira expressão da complexificação da centralidade intraurbana. Por meio da criação de novas centralidades intraurbanas, é possível alterar a estrutura urbana, e, segundo Souza (2009, p. 51), isso acarretará em concentração, dispersão, surgimento de vazios e a própria multiplicação desse processo. Para Lefebvre (1999, p. 110), esse processo pode ser interpretado por duas tendências do fenômeno urbano:

a) à *centralidade*, através dos distintos modos de produção, das diferentes relações de produção, tendência que vai, atualmente, até o “centro decisio-
nal”, encarnação do Estado, com todos os seus perigos;

b) à *policentralidade*, à oniscentralidade, à ruptura do centro, à disseminação, tendência que se orienta seja para a constituição de *centros diferentes* (ainda que análogos, eventualmente complementares), seja para a dispersão e para a segregação.

Desse modo, se a centralidade está relacionada à acessibilidade ofertada por algumas áreas da cidade, ela não está em um ponto fixo, mas pode ocorrer em qualquer ponto da cidade, desde que haja condições para isso (SOUZA, 2009). Através da centralidade, os diferentes conteúdos dados ao centro, segundo Whittaker (2003), encontram-se distribuídos ou concentrados na cidade, sobrepostos ou não, de acordo com a urbanização de cada cidade. Nesse sentido, é preciso analisar o conceito de centralidade:

[...] pensando-o como um processo que se multiplica pelo espaço intra-urbano, por meio de outros processos, como a descentralização e a (re)centralização, com o surgimento de novas centralidades. Tudo isso irá acarretar transformações na estrutura urbana, que levarão à reestruturação urbana (SOUZA, 2009, p.49).

Sposito (2001b), analisando o processo de urbanização no século XX, destaca que um dos fenômenos mais marcantes que as cidades passaram e passam é a multiplicação e diversificação das áreas de concentração de atividades terciárias,

isso porque vários estudos têm demonstrado que essas atividades induzem fluxos que ao se estabelecerem e se intensificarem, geram novas centralidades. O aumento do número de áreas centrais, conforme a autora, ocorre através das dinâmicas de descentralização e recentralização de atividades comerciais e de serviços, propiciadas tanto pelo surgimento de novas atividades fora do centro principal quanto pela realocação de atividades que estavam restritas apenas ao centro principal. Isso quer dizer que, ao mesmo tempo em que certas atividades já “nascem” em áreas não centrais, em virtude das vantagens oferecidas por este local, outras atividades existentes no centro também buscam deslocar-se em função da competitividade proporcionada por novas áreas da cidade. Assim, segundo Sposito (2001b, p. 236):

A expressão completa desse processo é a diversificação das expressões da centralidade intraurbana, ou ainda, da centralidade interurbana, visto que novas formas de comércio promovem novos fluxos entre cidades de diferentes portes, permitindo a emergência de uma *centralidade múltipla e complexa*, no lugar da centralidade principal e muitas vezes única, que marcava a estruturação interna das cidades até há algumas décadas.

Assim, as cidades de diferentes portes passam então por uma (re)definição da organização intraurbana, propiciada pela descentralização das atividades terciárias e criação de novas centralidades no espaço urbano. Analisaremos, a seguir, umas das expressões criadas a partir desse processo: o subcentro da Avenida São Pedro na cidade de Chapecó no estado de Santa Catarina.

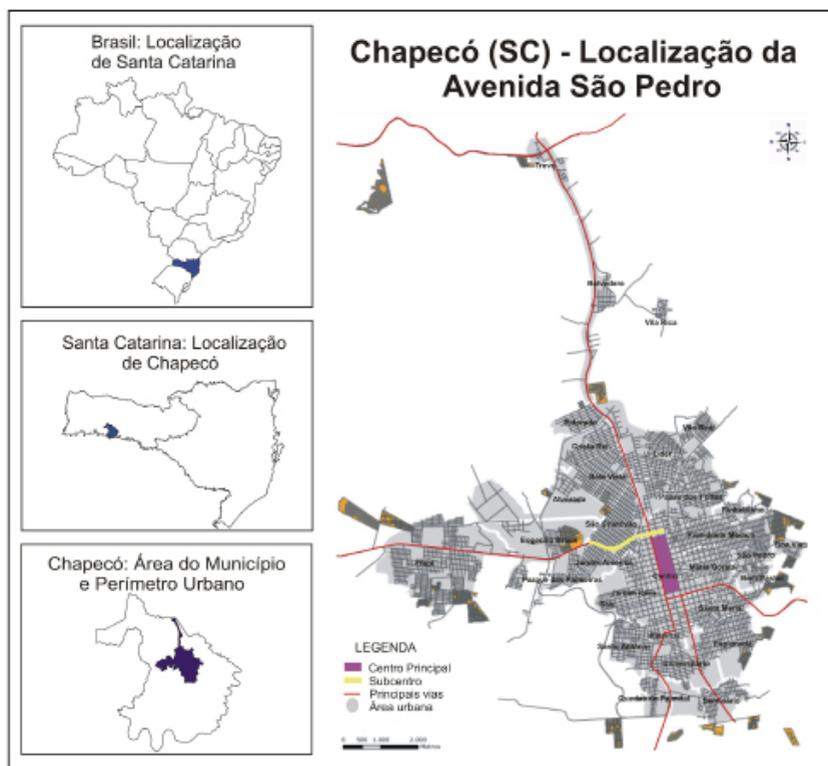
NOVAS CENTRALIDADES EM CIDADES MÉDIAS: O SUBCENTRO DA AVENIDA SÃO PEDRO EM CHAPECÓ

Partindo do pressuposto que os estudos sobre subcentros não são algo recente e a literatura sobre esse tema é diversa e multifacetada, dado as dificuldades dos estudos urbanos em encontrar parâmetros para identificar e classificar essa nova forma de descentralização e (re)concentração das atividades terciárias, utilizamos a definição proposta por Duarte (1974), que define os subcentros (ou centros funcionais, como apresenta em sua análise) como:

[...] um conjunto de funções integradas que permitam a realização de certos tipos de negócios sem grandes deslocamentos, não obstante a subordinação dos mesmos ao grande centro de negócios. A organização do comércio é, sem dúvida, o elemento capital na definição de um centro funcional ao lado do qual progride uma atividade financeira, assim como estimula a implantação de serviços. Pressupõem-se, desse modo, níveis de atividades que vão servir de base à noção preliminar de centro funcional, assim como para sua hierarquia, uma vez que a importância hierárquica dos centros funcionais pode ser definida pelo seu equipamento funcional. Em verdade nem todos apresentam o mesmo grau de suficiência em suas funções. Considera-se como centro funcional todo núcleo que, dispondo de uma atividade comercial importante e de um setor de serviços desenvolvido, seja capaz de atender não apenas às necessidades locais senão também servir à população residente na área circunvizinha (DUARTE, 1974, p. 73-74).

O subcentro da Avenida São Pedro, desse modo, localiza-se entre a mancha urbana principal e o bairro Efapi, extremo do vetor oeste⁵ (figura 01), e possui como limites o bairro Centro a sudeste, o bairro São Cristóvão ao norte, o bairro Jardim América ao sul e a chamada “grande Efapi” a oeste. O dinamismo e as potencialidades apresentadas pelo vetor oeste, representadas pelas múltiplas funções urbanas e seu crescimento territorial elevado (segundo o senso do IBGE realizado em 2010, o bairro Efapi conta com 26.077 habitantes, cerca de 15% da população total do município), são fundamentais para a nossa análise, pois se tratando de uma das principais vias de acesso da cidade, e com as recentes mudanças observadas nessa área da cidade, o desenvolvimento do subcentro da Avenida São Pedro também reflete essa dinâmica, pois é o principal eixo que liga a área central com esse vetor de intenso crescimento, tanto espacial como funcionalmente.

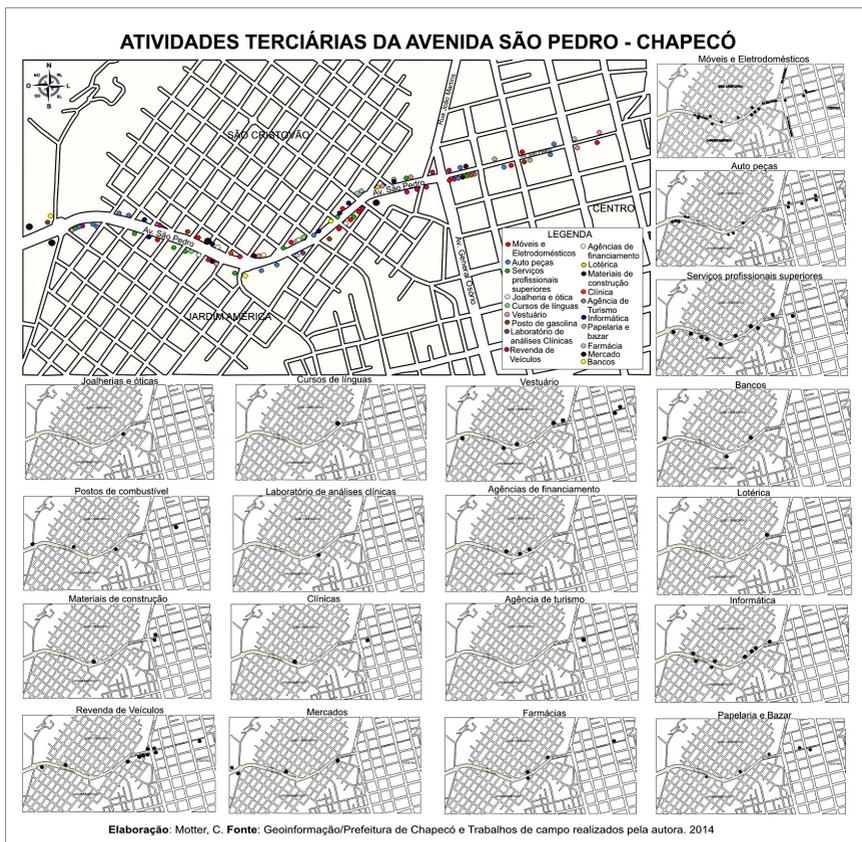
Figura 01: Localização da Avenida São Pedro em Chapecó/SC



5 Estamos chamando de vetor oeste, neste trabalho, o prolongamento da mancha urbana dos bairros São Cristóvão e Jardim América até o bairro Efapi. Trata-se de uma ocupação que teve início na década de 1960, mas que nos últimos anos passou por uma intensificação desse processo.

As atividades comerciais, como destaca Duarte (1974), são fundamentais para o surgimento de outras atividades no subcentro. Assim, por meio de trabalhos de campo, identificamos que na Avenida São Pedro são numerosos os estabelecimentos ligados ao comércio, em detrimento das atividades financeiras, dos serviços profissionais superiores e dos serviços de recreação. Entretanto, esse eixo apresenta todas essas atividades, como podemos observar na figura 02, demonstrando a diversidade de atividades terciárias no local, fundamentais para sua caracterização como subcentro.

Figura 02: Atividades terciárias encontradas na Avenida São Pedro em Chapecó/SC



Além da diversidade de estabelecimentos no local, entretanto, é preciso analisar o conteúdo que envolve as atividades que ali se encontram, visando interpretar a funcionalidade que o local apresenta. Nesse sentido, a atividade comercial é primordial, pois como destacado por Duarte (1974), é por meio do de

envolvimento das atividades comerciais que passam a existir nesse local outras atividades, como a financeira e os serviços profissionais superiores.

A atividade comercial mais presente nesse eixo está associada à venda de autopeças, apresentado 13 estabelecimentos. Juntamente com o comércio relacionado à revenda de veículos e aos postos de gasolina (10 e 4 estabelecimentos, respectivamente), esse eixo representa um potencial ligado à venda e prestação de serviços voltados ao setor automobilístico. Apesar de serem classificadas como atividades não centrais em estudos como o de Murphy e Vance (1954), o potencial dessas atividades pode ser explicado através de sua localização: tratando-se de umas das principais vias de circulação da cidade, esse eixo propicia um fluxo relevante de pessoas e veículos, demonstrando as possibilidades de desenvolvimento dessas atividades, dada sua vantagem locacional.

Outro tipo de comércio que se destaca nessa área é a venda de móveis e eletrodomésticos. Dentre os 12 estabelecimentos do gênero, encontram-se lojas de móveis especializados, como é caso da Spazio Bolis home & garden, da Lara e Grossi e da Macro móveis, que comercializam móveis exclusivos para escritório, casa e jardim e decoração de interiores, todos de origem local. Esse gênero de produtos de venda especializada, segundo Duarte (1974), é característico de um subcentro, pois representa o comércio de consumo pouco frequente, que lhe confere um grande poder de atração. As óticas e relojoarias também estão inclusos nesta classificação, e, no eixo em questão, foram encontrados dois estabelecimentos desse tipo.

Além disso, ainda segundo a autora, as redes de filiais também são um elemento de grande valor, pois representam, dentro da organização comercial, o exemplo de empresas que foram estimuladas pelo processo de modernização que acompanhou o crescimento da cidade. A localização de lojas de filiais em locais distantes da área central garantiu mais prestígio a esse tipo de comércio, que dada sua reputação de possuir grande amplitude em gêneros vendidos, atrai importante clientela. No eixo da Avenida São Pedro são encontradas importantes lojas de filiais, ligadas à venda de móveis e eletrodomésticos, como as Lojas Berlanda, que possui sua matriz em Curitiba/SC e filiais em todo o estado de Santa Catarina e parte do Rio Grande do Sul, e a rede de lojas Tok Lar, com escritório central localizado em Ijuí/RS, e filiais espalhadas pelos estados do Rio Grande do Sul, Paraná, Santa Catarina e Mato Grosso do Sul. Para Duarte (1974), o valor dos subcentros no processo de descentralização do equipamento terciário é refletido através da presença dessas grandes cadeias de lojas que, sem dúvida, são um elemento básico para a caracterização dos mesmos.

Os gêneros de produtos classificados pela autora como de consumo frequente, também são típicos dos subcentros, pois atraem grande fluxo de pessoas e capitais, e seu padrão está na dependência do poder aquisitivo da área de influência dessas atividades. Nesse sentido, encontram-se no eixo subcentro da Avenida São Pedro sete estabelecimentos de calçados e confecções, cinco estabelecimentos de papelaria e bazar, quatro farmácias, três mercados e um hipermercado. Essa gama de comércios visa, primeiramente, atender à população local, entretanto,

equipamentos como o supermercado Brasão, que possui três lojas em Chapecó e uma em Xaxim-SC, exerce grande poder de atração nessa área. Atualmente, o hipermercado BIG, fundado pela Companhia Real de Distribuição em Porto Alegre em 1990, e comprada pela estadunidense WalMart no final de 2005, também cumpre esse papel, em função da variedade de produtos encontrados em uma mesma unidade de área. Além disso, destacamos que esse empreendimento é o único hipermercado da cidade de capital externo, e teve como estratégia locacional esse eixo, fixando-se no Bairro Jardim América, na Avenida São Pedro.

Outros gêneros encontrados no subcentro da Avenida São Pedro estão relacionados ao suporte e venda de produtos de informática, que totalizam oito estabelecimentos e a venda de materiais de construção (três equipamentos), que apesar de não serem classificados como atividades típicas da área central, enquadram-se no gênero de produtos de consumo pouco frequente.

Como destacado anteriormente, o desenvolvimento comercial dos subcentros acompanha a instalação de agências bancárias e empresas de financiamento. Assim como as atividades de comércio, a descentralização do serviço financeiro também acompanhou o crescimento da cidade, deslocando-se para centros comerciais. Dessa forma, a organização desse serviço expressa o grau de economia e conteúdo social das áreas onde está implantado (DUARTE, 1974). Nesse sentido, existem, atualmente, na Avenida São Pedro os bancos Itaú, Banco do Brasil e Bradesco, além de três agências de financiamento e uma lotérica, que expressam o poder de atração econômico dessa área.

As atividades dos centros funcionais comportam, igualmente, o aparecimento de certo número de serviços profissionais superiores, e os níveis desses serviços vão variar em função da população para qual se destina, assim como a frequência de sua utilização (DUARTE, 1974). Assim, há, na Avenida São Pedro, uma quantidade significativa de atividades ligadas aos serviços profissionais superiores, apresentando cinco escritórios de advocacia, dois consultórios de dentistas, um laboratório de análises clínicas, uma clínica de estética, um escritório de engenharia civil, um escritório de associados de arquitetura e urbanismo e uma agência de turismo. A localização desses equipamentos especializados nessa área, juntamente com as atividades comerciais, de prestação de serviços e financeiras, confere ao local significativo grau de centralidade, visto que essas atividades não atendem somente à população local, mas destinam-se também à população de outras áreas da cidade, bem como de cidades do entorno.

A concentração populacional dessa área também demanda do setor de atividades culturais e de recreação, passando a existir nos subcentros estabelecimentos de cursos especializados, como cursos de línguas. A localização de um curso de línguas na Avenida São Pedro representa, dessa forma, a busca por um novo mercado, em virtude da demanda da população local, constituindo-se num elemento expressivo, reforçando a função centralizadora do subcentro.

O conjunto de funções apresentadas pela Avenida São Pedro, desse modo, sua subordinação à área central, seus equipamentos funcionais e sua localização

privilegiada pelos sistemas de transporte, conferem a essa área, retomando a definição elaborada por Duarte (1974), sua classificação como subcentro. Além disso, como destacamos através dos estudos de Sposito (2001b), o subcentro que ora estudamos não é apenas uma particularidade observada nesta cidade, mas representa uma tendência que é verificada em outras cidades classificadas como cidades médias. Conforme aponta Sposito (2001b), um dos fenômenos mais marcantes que as cidades passaram e passam é a multiplicação e diversificação das áreas de concentração de atividades terciárias, isso porque vários estudos têm demonstrado que essas atividades induzem fluxos que ao se estabelecerem e se intensificarem, geram novas centralidades.

Assim, através dos resultados obtidos, verificamos que a tendência à descentralização de atividades comerciais e de serviços levou à emergência de novas áreas centrais em Chapecó, complexificando o espaço urbano desta cidade. Evidenciou-se, dessa forma, que o subcentro da Avenida São Pedro é emblemático, significativo e representativo do processo de descentralização e (re)centralização das atividades terciárias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve como objetivo analisar o processo de descentralização das atividades terciárias e a formação de novas centralidades em cidades médias, a partir do estudo de um subcentro na cidade de Chapecó. As particularidades observadas na descentralização de atividades terciárias na cidade de Chapecó mostraram que essa cidade não é mais uma cidade monocêntrica, mas que tem diversificado áreas de concentração de atividades comerciais e de serviços. Desse modo, o que procuramos evidenciar é que esta cidade vem passando por processos de transformação de sua forma e conteúdo, exemplificando esse processo por meio da criação de novas centralidades na cidade.

Assim, considerando-se as singularidades dessa cidade, podemos analisar esse processo de forma mais ampla, pois as tendências verificadas em Chapecó não se restringem somente a essa cidade, mas, ao contrário, são próprias da urbanização e da sociedade capitalista contemporânea. Os resultados obtidos, dessa forma, prendem-se menos em conhecer as especificidades dessa cidade e mais em mostrar como novas formas de produção de usos dos espaços urbanos revelam-se através de dinâmicas de Reestruturação Urbana que estão presentes em cidades de diferentes portes.

Tratando-se apenas da análise de uma das formas passíveis de serem criadas pelo processo de descentralização, esse trabalho não encerra esse tipo de pesquisa, pelo contrário, visa abrir novas possibilidades de debates para que outros estudos venham a se realizar sobre essa temática, que tradicionalmente, sempre teve suas pesquisas voltadas aos espaços metropolitanos.

DECENTRALIZATION AND NEW CENTRALITIES IN MEDIUM-SIZED CITIES: THE CASE OF SÃO PEDRO' SUB-CENTER AVENUE IN CHAPECÓ CITY (SC)

ABSTRACT

This study was developed from observations of recent transformations in the urban space of Chapecó city, a medium-sized city in the west of Santa Catarina. Among the recent dynamics that occurred in this city, there is the consolidation of non-core areas that concentrate activities related to trade and services, featuring a sub-center of formation in the city. Thus we seek to understand the process of decentralization of commercial and service activities and the formation of new centers, from the analysis of a sub-center of the city of Chapecó, in Santa Catarina state.

Keywords: Medium-sized cities; Decentralization; New centers.

DESCENTRALIZACIÓN Y NUEVAS CENTRALIDADES EN LAS CIUDADES MEDIANAS: EL CASO DEL SUBCENTRO DE AVENIDA SÃO PEDRO EN CHAPECÓ (SC)

RESUMEN

Este estudio fue desarrollado a partir de observaciones de las transformaciones recientes ocurridas en el espacio urbano de Chapecó, ciudad media localizada en el oeste de Santa Catarina. Entre las recientes dinámicas que ocurrieron en esta ciudad, está la consolidación de áreas no centrales que concentran las actividades relacionadas con el comercio y los servicios, caracterizando la formación de sub-centros en la ciudad. Así, tratamos de comprender el proceso de descentralización de las actividades comerciales y de servicios y la formación de nuevos centros, a partir del análisis de un subcentro de la ciudad de Chapecó / SC.

Palabras clave: Ciudades medianas; Descentralización; Nuevas centralidades.

REFERÊNCIAS

AMORIM FILHO, Oswaldo Bueno. Cidades Médias e organização do espaço no Brasil. *In: Revista de Geografia e Ensino*, Belo Horizonte, v.2, n.1, jun. 1984, p. 5-34

CASTELLS, Manuel. **A questão urbana**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

CORRÊA, Roberto Lobato. Construindo o Conceito de Cidade Média. *In: Sposito, Maria Encarnação Beltrão. (org.). Cidades Médias: Espaço em transição*. São Pau-

lo: Expressão Popular, 2007. p. 23-34.

CORRÊA, Roberto Lobato. **O espaço urbano**. São Paulo, Ática, 4ª Ed., 2004.

DAMIANI, Amélia Luisa. Cidades médias e pequenas no processo de globalização. Apontamentos bibliográficos. In: GERAIGES, A. I. L.; ARROYO, M. ; SILVEIRA, M. L. (Org). **América Latina: cidade, campo e turismo**. São Paulo, CLACSO, 2006.

DUARTE, Haidine da Silva Barros. A cidade do Rio de Janeiro: descentralização das atividades terciárias. Os centros funcionais. In: **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, 36 (1), p. 53-98, jan/mar, 1974.

IBGE - **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/>> Acesso em: 20 de novembro de 2013.

LEFEBVRE, Henri. **A revolução urbana**. tradução de Sérgio Martins. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

MURPHY, Raymond E.; VANCE, James E. Jr. Delimiting the CBD. In: KOHN, C. & MAYER, R. (eds). In: **Readings in Urban Geography**. Chicago: The University of Chicago Press. 1954, p. 418-446.

RIBEIRO FILHO, Vitor. A área central e sua dinâmica: uma discussão. In: **Revista Sociedade e Natureza**, Uberlândia: v. 16, n. 31, p. 155-167, dez., 2004.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica, tempo, razão e emoção**. 4ª Ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

SILVEIRA, Maria Laura, Globalização, Trabalho, Cidades Médias. In: **Revista do Departamento de Geografia**. – n. 11, p. 11-17. Rio de Janeiro: UERJ, Departamento de Geografia, 2002.

SOJA, Edward W. A Geografia Histórica da Reestruturação industrial e Regional. In: **Geografias Pós-Modernas: a reafirmação do espaço na teoria social crítica**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

SOUZA, Marcus Vinicius Mariano de. **Cidades médias e novas centralidades: análise dos subcentros e eixos comerciais em Uberlândia (MG)**. Dissertação (Mestrado em Geografia) – UFU. Uberlândia. 2009, 236 f.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. O centro e as formas de expressão da centralidade urbana. In: **Revista Geografia**: São Paulo, nº1-18, 1991.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. As cidades médias e os contextos econômicos contemporâneos. In: SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão (org.). **Urbanização e cidades: perspectivas geográficas**. Presidente Prudente: UNESP/GAsPERR, 2001a. pp. 569-607.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. Novas formas comerciais e redefinição da

centralidade intraurbana. *In*: SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão (org.). **Textos e contextos para a leitura de uma cidade média**. Presidente Prudente: [s/n], 2001b.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. Cidades Médias: Reestruturação das cidades e Reestruturação Urbana. *In*: SPOSITO. M. E. B. (org.). **Cidades médias: espaços em transição**. São Paulo: Expressão popular, 2007, p. 3-67.

SPOSITO; Maria Encarnação Beltrão; ELIAS, Denise; SOARES, Beatriz Ribeiro; MAIA, Doralice Sátyro; GOMES, Edvânia Tôrres Aguiar. O estudo das cidades médias brasileiras: uma proposta metodológica. *In*: SPOSITO. M. E. B. (org.). **Cidades médias: espaços em transição**. São Paulo: Expressão popular, 2007, p. 3-67.

VILLAÇA, Flávio. **Espaço intra-urbano no Brasil**. 2ed. São Paulo, Studio Nobel: FAPESP, 2001.

WHITACKER, Arthur Magon. **Reestruturação Urbana e Centralidade em São José do Rio Preto – SP**. Tese (Doutorado em Geografia). UNESP – Presidente Prudente. 2003, 237 f.